

A primeira lembrança do "Modas e Bordados" vem da minha infância... Era a Avó que, todas as semanas, em Abrantes onde vivíamos, a mandava comprar. Era para mim muito evidente que a Avó, que fazia renda e bordados lindos, que era muito activa nas coisas da casa e se interessava por todos na família e na rua onde morávamos, lersse tudo o que vinha na revista. Mais tarde, na minha fase de juventude "intelectual", comecei a admirar-me que a minha Mãe mantivesse a tradição. E às minhas perguntas sobre o interesse que para ela tinha a revista respondia-me: "aprende-se sempre alguma coisa de novo". Nos últimos anos em que vivia totalmente inválida a leitura assídua de "Modas e Bordados" — e depois de "Mulher" — era parte da ligação com o mundo em que já não podia participar tão plenamente como antes. E foi por esse interesse da minha Mãe

que comecei a ler a revista... 2

Tive então uma grande surpresa. Gradualmente a revista "feminina" estava a sofrer uma evolução completamente original na imprensa portuguesa. Partilhando in

Partia dos interesses tradicionais do público leitor (as mulheres); mantinha-o atento às pequenas coisas da vida familiar e doméstica, dando sugestões novas em bordados, em decorações, em maneira simples de vestir e aparecer; conservava até aquele utensílio muito ^{popular} ~~pedagógico~~ que era o "suplemento" (hoje "reparata") e que era uma amostra de simples de ~~pedagogia activa...~~ ~~tecnologia educativa no tempo~~ ~~em que o ^{homem} ~~homem~~ ainda não tinham~~ ~~racionalizado tal expressão...~~

Ao mesmo tempo começava, de forma directa, a levantar interrogações à vida das mulheres, a

=

das novo conteúdo aquilo ~~que~~ fora o universo tradicional em que as mulheres se movimentavam (falando-lhes da educação dos filhos, da estrutura da família, dos problemas de habitação), a mostrar-lhes o que se passava à sua volta (as injustiças sociais, os problemas dos grupos mais desfavorecidos, a vida política na sua fisionomia humana).

A partir de 1971/72 tive ocasião de analisar ^{Fundação Cuidar o Futuro} melhor a revista e a sua evolução. Orientei durante dois ou três ~~grupos~~ anos pequenos grupos de mulheres que, à base de fichas de observação ~~que~~ preparadas por mim e por um grupo de mulheres cristãs de vários países, analisaram a imagem da mulher portuguesa na nossa imprensa. Pude ver que a evolução de "Modas e Bordados"

era parte do esforço do grupo socio-prof⁴
fissional que mais consciente e clara-
mente lutava pela melhoria da
condição das mulheres — as profis-
sionais da informação. E verifiquei
que o esforço português era paralelo
ao que se fazia noutros países,
(nomeadamente em França com as
revistas "Elle" e "Marie-Claire"). Como
elas, mas de forma ~~totalmente~~ ^{autenticamente} es-
pontânea, "Mulher-Modas e Bordões"
conseguiu ligar o mito da "femi-
nidade" (a traduzir-se no uni-
verso doméstico, familiar, privatista)
com as aspirações do "feminismo"
(a ganhar força com a tomada de
consciência por parte das mulheres
dos seus direitos enquanto grupo
discriminado e dos seus deveres
enquanto participantes de pleno
direito na construção da sociedade).



Ora esta ~~conver~~ convergência tem um ⁵
significado social muito importante,
na medida em que é condição
essencial para a coesão da sociedade entre,
~~que, por carência ou por excesso de~~
~~bens as em~~ por um lado, as
mulheres que, por carência ou
por excesso ~~de bens~~ de bens
materiais, situam as suas
preocupações ao nível do "femi-
nidade" e, ~~af~~ por outro lado,
as mulheres que, por exigência
da própria sociedade e pela van-
guarda ~~da sociedade~~ que representam,
situam a sua luta ao nível
do "feminismo". Alargar os hori-
zontes a umas, revelar as raízes
a outras, tal é a tarefa de síntese
do q chamamos de "movimento
social das mulheres".

Por isto penso que a revista é ⁶
precisa, que tem diante dela uma
enorme tarefa, que deve continuar
a desenvolver ainda mais conscien-
temente a convergência das duas
linhas nela tão claramente expressas.

É precisa para as mulheres
— ou queremos nós que as mulheres
usem os redativos das "foto-novelas"
para se evadirem das múltiplas
cadeias que as prendem ou se
prostituíam mentalmente com as
leituras pornográficas?

É precisa para o conhecimento
q̃ vamos tendo ao longo do tem-
po daquilo que querem as mu-
lheres portuguesas — não poderá
a revista ser uma tribuna
m.^{te} mais reveladora p.^{ra} a
análise sociológica e antropoló-
gica do que meios (números
fornecendo uma "imagem social"

cuja evolução ao longo de quase 70 7
anos ninguém pode desprezar?

É precisa como exemplo do
que pode ser a informação profis-
sionalmente séria - ou queremos
nós uma informação que só pensa
em vender o seu produto, mesmo
que alienante, e não considera
o imperativo moral da formação
do leitor através da informação que
dá, ajudando-o a formular cri-
térios e a criar novas zonas de
interesse mais comunitários e,
por isso mesmo, mais humanos?

~~Tudo isto de forma diva-
mica, sem dúvida, porque a
revista precisa de melhorar~~

Maria de Lourdes Pintasilgo

